

Serei capaz de colher o meu dia?

Influenciado pelos ideais filosóficos greco-latinos, sobretudo pelo epicurismo e pelo estoicismo, Ricardo Reis criou uma poesia em que a harmonia, a clareza, as boas formas de viver, o prazer, a serenidade e o equilíbrio são os principais temas. A sua poesia defende o ideal do *carpe diem* horaciano traduzido vulgarmente como “aproveite o momento”. Por meio dos seus versos, Ricardo Reis procura apresentar a sua perspetiva de como atingir a paz e o equilíbrio sem sofrer, considerando a vida como uma viagem cujo fluir e fim são inevitáveis.

Colhe o Dia, porque És Ele

Uns, com os olhos postos no passado,

Vêem o que não vêem: outros, fitos

Os mesmos olhos no futuro, vêem.

O que não pode ver-se.

Por que tão longe ir pôr o que está perto —

A segurança nossa? Este é o dia,

Esta é a hora, este o momento, isto

É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora

Que nos confessa nulos. No mesmo hausto

Em que vivemos, morreremos. Colhe

O dia, porque és ele.

Ricardo Reis, in "Odes"

Todos nós, seres humanos, temos o costume de atribuir a culpa do que nos acontece aos *outros*. Tal como este poema refere, uma forma de viver encarada desta forma tende a colocar-nos numa perspetiva em que vivemos em função de um passado que não temos possibilidade de alterar ou de um futuro que ainda não chegou e, portanto, nos é

desconhecido. E afinal porque procuramos longe o que temos diante de nós? É no preciso momento em que estamos que existimos, e é quem somos, e é tudo o que interessa saber. Porque procuramos nós criar problemas quando o tempo de que dispomos é tão fugaz e o fim do nosso percurso é tão definido? Por isso, vamos aproveitar bem o momento pois aquilo que a vida será tem a ver sempre com a forma como vivemos.

Repentinamente, tivemos oportunidade de nos deparar com um novo elemento de preocupação nas nossas vidas: *os outros*. De repente, com a pandemia mundial, todos passamos a preocupar-nos com o vizinho, próximo ou longínquo. De repente, tornamo-nos mais solidários, tentamos acudir a quem necessitava de nós. Demos conta da pertinência de profissões nunca tão dignificadas como profissionais de saúde, professores, caixas de supermercados, agricultores, transportadores, empregados que recolhem o lixo, estafetas, etc. Demos conta que muitos dos nossos idosos foram abandonados em lares e que a própria sociedade os coloca em última prioridade. Demos conta que os nossos recursos naturais estavam a ser destruídos enquanto comodamente vivíamos a vida. Demos conta da importância da instauração de uma *nova* cultura do higienismo, que parece ter nascido apenas agora dado o grau de espanto com as regras instauradas. Demos conta que políticos aproveitaram este período para reforçarem o medo e o poder. Demos conta da importância das tecnologias que comandam o mundo literalmente. Demos conta que o acesso aos meios informáticos une mas também exclui muitos dos que não os possuem ou que não sabem fazer uso apropriado deles. Demos conta da importância dada mundialmente à economia em detrimento do valor dado ao ser humano. Demos conta do valor da cultura e das preciosidades que nos rodeiam. Demos conta que a net distrai mas permite o teletrabalho, a teleconferência, a telescola, a telemedicina, a teleconsulta, a tele....

Em suma, o vírus não é nenhum arauto da desgraça nem é culpado de nada. O vírus não pensa, não fala, não sabe e não tem querer. Não trouxe nenhuma mensagem do espaço para nos entregar. Não o podemos considerar o nosso bode expiatório pois para o seu surgimento todos contribuimos com as nossas opções de vida. A forma como cada um colhe o seu dia transformará, ou não, a humanidade. Acredito que este vírus será debelado mas outros virão. Acredito que, à semelhança de outros períodos negros da história, não iremos deixar de pensar e agir. Esperemos que a dura lição nos permita repensar como viver cada momento, *colher o dia*, em harmonia e que a espiritualidade se reflita numa natureza esplendorosa que surgirá diante de nós.

TT_202008